

# O PROPULSOR

Revista Técnica de Engenharia

Digital 95 • Ano 51°  
Novembro - 2022



**COP27**

SHARM EL-SHEIKH  
EGYPT 2022

O QUE NOS DARÁ A COP27  
PARA IMPEDIR A CATÁSTROFRE?

# SUMÁRIO



## AMBIENTE

**04** O que nos dará a COP27 para impedir a catástrofe?

## ENERGIA

**06** Os prossumidores e a crise energética: Cidadãos que contribuem para a transição energética da europa

**08** Sines terá condições para produzir "2 gigawatts" de energia renovável

**09** A Baywa r.e. pretende ser a primeira no mundo a desenvolver um projeto comercial não subsidiado de energia eólica flutuante

## GESTÃO/EMPREENDEDORISMO

**10** Está encerrado mais um Web Summit para o ano há mais e (com promessa de) melhor

## INOVAÇÃO/TECNOLOGIAS

**11** Cientistas de Coimbra criam material superisolante com borracha de pneus

## MAR

**12** O "World Traveller" fez a sua viagem inaugural Lisboa/Casablanca/Lisboa agora está na Antártida

## PESCAS

**13** Universidade de Coimbra e Docapesca projetam porto autossustentável em Lagos

**14** A partir do passado dia 2 a quota diária da pesca do biqueirão subiu para até um máximo de 2.925 kg

## PESSOAS/RECORDANDO

**15** O curso de 1972 da Escola Náutica comemorou o seu cinquentenário

### FICHA TÉCNICA

**PROPRIEDADE:** Centro Cultural dos Oficiais e Engenheiros Maquinistas da Marinha Mercante - NIPC: 501081240

**FUNDADOR:** José dos Reis Quaresma

**DIRECTOR:** Rogério Pinto

**EDITORES:** Jorge Rocha e Jorge de Almeida

**REDAÇÃO E ADMIN.:** Av. D. Carlos I, 101-1º Esq., 1200-648 Lisboa Portugal Telef 213 961 775 / 967 693 236

E-MAIL [opropulsor@soemmm.pt](mailto:opropulsor@soemmm.pt)

**COLABORADORES:** Artur Simões, Eduardo Alves, José Bento, J. Trindade Pinto, Chincho Macedo e J. C. Lobato Ferreira.

**PAGINAÇÃO E DESIGN:** Altodesign, Design Gráfico e Webdesign, lda Tel 218 035 747 / 912812834 E-MAIL [geral@altodesign.pt](mailto:geral@altodesign.pt)

Todos os artigos não assinados, publicados nesta edição, são da responsabilidade do Director e dos Editores.

Imagens: Optidas na web



## NESTE MOMENTO, ESTAMOS TODOS CONDENADOS

O nosso título de hoje é uma frase do nosso conterrâneo António Guterres, secretário-geral da ONU, usada no discurso de abertura da COP27, para chamar a atenção para mais uma tentativa de chegar a um acordo para travar o aquecimento global e bem que dramatizou a questão usando várias frases pesadas, nomeadamente, "... estamos numa auto-estrada para o inferno climático..." e "...a Humanidade tem uma escolha: cooperar ou morrer!".

De facto, não é para menos, as crises climáticas são cada vez mais frequentes e mais violentas, parecendo caminhar para um ponto sem retorno.

Os líderes de todos os países, principalmente os mais poluidores, têm de entender que a catástrofe está próxima e que quando chegar vai afectar todos, ricos e pobres, desenvolvidos, em vias disso ou menos desenvolvidos, todos sofrerão as consequências.



É verdade que a pandemia que continua a atormentar o mundo e a invasão da Ucrânia pela Rússia, em sequência e combinadas vieram trazer uma crise económica, energética e social, sendo disso sintoma a vigorosa inflação nos preços dos produtos e serviços, com grande destaque para os combustíveis e para a electricidade, que fará os líderes mundiais olhar mais para o seu umbigo do que para a necessária cooperação para combater as alterações climáticas, mas esse será o erro que deve ser evitado.

De facto, tudo indica que estamos a caminhar, em alta velocidade, para a catástrofe e que para evitá-la é necessário tomar medidas ambiciosas e executá-las de forma enérgica e eficaz, já!

Agora, com os dados disponíveis é fácil ver que não estamos a cumprir o Acordo de Paris que era evitar ultrapassar 1,5°C da temperatura do planeta até ao fim do século. Sabemos, aliás, que as políticas internacionais actuais estão a dirigir a Terra para um aquecimento de 2,8°C e sabemos também que mesmo cumprindo os objectivos da COP26 de Glasgow, o que não está garantido, a temperatura subirá entre 2,4 e 2,6°C. É, por isso, absolutamente correcta a frase em título, "neste momento estamos todos condenados".

Apesar desta situação e de alguns dos Chefes de Estado dos principais países poluidores não estarem presentes, devemos ter esperança a COP27 nos traga algo de novo e bom.

Para fechar, deixem-me salientar um acontecimento mundial que terminou há dias com êxito na capital do nosso Portugal, que foi o Web Summit. Entre o dia 1 e 4 de Novembro, mais de 71.000 pessoas, oriundas de 160 países, participaram naquela que é maior cimeira de tecnologia do mundo. ●

O Director



Polo Industrial Brejos dos Carreiros  
Escritório 3 \* Armazém 14  
Olhos de Água - 2950-554 PALMELA



OZEC - Equipamentos Industriais, Lda.

Telefones: 212 139 390 / 212 139 391  
Fax: 212 130 180 - e-mail: geral@ozec.pt  
www.ozec.com.pt



## GRUPO FLOWSERVE

### Fabricante Mundial de Bombas:

BYRON JACKSON  
PLEUGER

DRESSER

UNITED C PUMPS (UCP)

DURCO

WORTHINGTON

INGERSOLL RAND

STORK

PACIFIC

SIMPSON PUMPS

### Fabricante Mundial de Empanques:

BW SEALS

DURAMETALLIC SEALS

PACIFIC WIETZ SEALS

PAC-SEAL

FIVE STAR SEALS



Centrífugas DIN  
Arraste Magnético

Centrífugas Autoaspirantes  
Lóbulos

Rotor Flexível  
Duplo Diafragma

Engrenagens



Bombas Centrífugas Horizontais / Verticais, para água quente / fria  
Grupos de Pressão-Doméstico e Industriais

Grupos Contra Incêndios

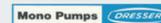
Grupos de Esgoto



IWAKI  
Bombas Doseadoras



Bombas de Trasfega em Bidons



Helicoidais de Cavidade Progressiva

Também comercializamos: Filtros, Válvulas e Juntas de Dilatação

Garantimos assistência técnica, manutenção e reparação de todos os equipamentos que comercializamos

DISTRIBUIDOR OFICIAL



TECNOLOGIAS DO AMBIENTE, LDA

Projecto  Instalação  Assistência Técnica

*Tratamos bem o melhor Bem da Natureza... a Água!*

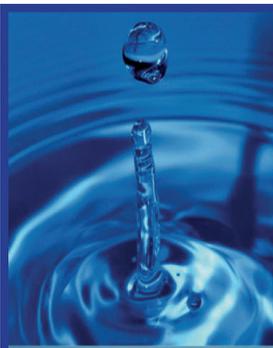
## TRATAMENTOS DE ÁGUA

- TORRES DE REFRIGERAÇÃO
- CENTRAIS DE VAPOR
- CIRCUITO DE AQUECIMENTO E ARREFECIMENTO
- POTABILIZAÇÃO
- ETAR's
- PISCINAS



Pólo Industrial Brejo dos Carreiros, Escritório 4,  
Armazém 9 - Olhos de Água - 2950-554 Palmela

Telf: 212 138 124 - Fax: 212 130 127  
www.aguaciclo.pt Aguaciclo@aguaciclo.pt



## O QUE NOS DARÁ A COP27 PARA IMPEDIR A CATÁSTROFE?



exige “acções ousadas e imediatas de ambição de todas as partes”, sendo a cimeira “um momento para os países cumprirem as promessas e compromissos” para se atingirem os objectivos do Acordo de Paris.

Na cimeira, diz a organização, os países devem rever as suas contribuições para a redução de emissões de gases com efeito de estufa, e devem criar um plano de trabalho para mitigar os efeitos das alterações climáticas. A adaptação, acrescenta, é fundamental, como também é ajudar nessa adaptação as comunidades mais vulneráveis.

E de Sharm el-Sheik é considerado essencial que saiam ainda “progressos significativos na questão crucial do financiamento climático”. Os países ricos comprometeram-se em apoiar os países mais pobres na questão da luta contra e adaptação às alterações climáticas com 100 mil milhões de dólares por ano, mas tal ainda não aconteceu.

Além das “grandes questões”, como as contribuições de cada país ou região para limitar o aquecimento global ou o financiamento, a presidência egípcia da COP27 programou dias temáticos e eventos paralelos, dedicados a temas como finanças, ciência, juventude, descarbonização, perda de biodiversidade, água, agricultura ou energia.

Serão também debatidos temas como o papel das cidades na luta contra o aquecimento global, o impacto do clima na saúde, os sistemas de água e saneamento, a alimentação e o lixo. Uma chamada “zona verde”, onde se juntarão empresas, sociedade civil e meio académico, vai albergar também mais de 100 iniciativas.

Apesar de a organização considerar a COP27 uma “oportunidade de ouro” para o mundo enfrentar eficazmente o desafio global das alterações climáticas, apesar dos apelos aos líderes mundiais para fazerem da cimeira um

A 27ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP27) começou no dia 6 e irá decorrer até 18 de Novembro no Egipto, sob as expectativas geradas pelos resultados do relatório divulgado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), divulgado em Fevereiro deste ano. O documento destaca – agora com mais dados em relação ao relatório anterior – os efeitos das mudanças climáticas no planeta.

As declarações de Patrícia Espinosa, secretária executiva da Convenção do Clima da ONU (UNFCCC), reforçam o cenário de expectativa. De acordo com ela, “a ciência é clara: devemos ver mais acções [extremas] do clima nesta década, e se quisermos alcançar a neutralidade de carbono até 2050 e, em última análise, a meta de 1,5 grau, precisamos acelerar as acções [para promover a neutralidade de carbono]”, disse em Janeiro último.

O apelo da executiva da ONU aconteceu um dia antes da reunião ministerial do Fórum das Grandes Economias de Energia e Clima, grupo de países responsáveis por cerca de 80% das

emissões globais de gases com efeito de estufa (GEE).

Na Conferência estarão mais de 35 mil participantes, com 2.000 intervenções marcadas sobre mais de 300 tópicos.

Apesar dos números, apesar de o Presidente egípcio, Abdel Fattah El-Sisi, dizer que a COP27 é a oportunidade para “mostrar unidade contra uma ameaça existencial”, não são esperados grandes progressos na luta contra o aquecimento global, tendo em conta que os grandes líderes mundiais não vão comparecer, ao contrário do que aconteceu em outros encontros, como na COP26, em 2021 em Glasgow, Reino Unido.

A COP27, que marca o 30.º aniversário da adopção da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (UNFCCC, na sigla original) mantém basicamente os mesmos objectivos de outras cimeiras desde 2015, quando foi assinado o Acordo de Paris, para limitar o aquecimento global a 2°C (graus celsius), e se possível a 1,5°C, acima dos valores médios da época pré-industrial.

Na página oficial da COP27 diz-se que manter vivo o objectivo dos 1,5°C



momento “chave”, esses mesmos líderes não têm manifestado intenção de comparecer, muitos deles a braços com uma crise energética, alimentar e inflacionista decorrente da invasão da Ucrânia pela Rússia.

A COP27 acontece quando a crise climática se faz sentir cada vez mais, exemplificada numa seca sem precedentes na Europa, com o Verão mais quente dos últimos 500 anos, ou com inundações também históricas no Paquistão, onde um terço do país ficou inundado, e mais recentemente em África.

Há cerca de uma semana um relatório da Organização Meteorológica Mundial (OMM), uma agência da ONU, alertava que os níveis dos principais gases com efeito de estufa continuaram a subir em 2021 e os dados indicam que 2022 vai pelo mesmo caminho.

E outro relatório da ONU, do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA), alertava que as políticas inter-

nacionais actuais estão a dirigir a Terra para um aquecimento de 2,8°C até ao fim do século, muito acima dos 2°C com os quais os países do mundo se comprometeram em 2015 e que não cumpriram.

O relatório indica que se forem cumpridos os compromissos assumidos na COP26 de Glasgow as temperaturas subirão entre 2,4°C e 2,6°C. É legítimo que se duvide que surjam objectivos ainda mais ambiciosos na COP27 se os assumidos anteriormente não foram cumpridos.

Há cerca de um mês o secretário-geral da ONU, António Guterres, pediu ao mundo para na COP27 agir para prevenir desastres climáticos e salvar a espécie humana.

“É uma questão de vida ou morte para nós, para a nossa segurança hoje e para a nossa sobrevivência amanhã”, disse António Guterres na sede da ONU, no início de uma conferência

preparatória da COP27.

Todavia, parece que os líderes mundiais ainda não perceberam que o nosso tempo para tomar decisões e realizar acções concretas está a esgotar-se.

Não pode ser por haver uma pandemia ainda a decorrer, ao mesmo tempo que a guerra provocada pela invasão da Ucrânia pelos russos provoca uma crise energética e faz disparar a inflação que os países, principalmente os maiores poluidores do planeta, deixem de tomar as acções ambiciosas e concretas para combater eficazmente as alterações climáticas.

Agora ainda podemos fazer alguma coisa pelo ambiente e preocuparmos-nos com o crescimento e a inflação, mas dentro de pouco tempo não teremos para onde crescer.

Segundo António Guterres “neste momento, estamos todos condenados”, vamos ver o que nos dará a cop27 para impedir a catástrofe? ●



**ENIDH**  
ESCOLA SUPERIOR NÁUTICA  
INFANTE D. HENRIQUE  
ENSINO SUPERIOR PÚBLICO

DESCOBRIR UM MAR DE OPORTUNIDADES  
ELEVADA EMPREGABILIDADE

**MESTRADOS**

Pilotagem | Engenharia de Máquinas Marítimas

**LICENCIATURAS**

Pilotagem | Engenharia de Máquinas Marítimas | Engenharia Eletrotécnica Marítima  
Gestão de Transportes e Logística | Gestão Portuária

**TeSP** CURSOS TÉCNICOS SUPERIORES PROFISSIONAIS

Manutenção Mecânica Naval | Eletrónica e Automação Naval  
Climatização e Refrigeração | Redes e Sistemas Informáticos



[www.enautica.pt](http://www.enautica.pt)

Av. Eng. Bonneville Franco  
2770-058 Paço d'Arcos  
tel. 214 460 010 | info@enautica.pt

# OS PROSSUMIDORES E A CRISE ENERGÉTICA: CIDADÃOS QUE CONTRIBUEM PARA A TRANSIÇÃO ENERGÉTICA DA EUROPA



O que são os prossumidores de energia e que papel podem desempenhar na promoção da utilização de energias renováveis em toda a Europa? A um conjunto de perguntas sobre o assunto respondeu Javier Esparrago, especialista da AEA em energia e ambiente, sobre a forma como os cidadãos, as instituições e as empresas podem ajudar a fazer face à actual crise energética, tornando-se prossumidores que produzem e consomem energias renováveis. A AEA publicou um relatório no início do mês de Outubro que apresenta uma panorâmica do papel dos prossumidores de energias renováveis e da sua prática crescente na sequência de tecnologias melhores e mais baratas e políticas que as promovem.

**O termo «prossumidor» parece ser um fenómeno crescente em toda a Europa. O que entendemos exactamente por «prossumidor»?**

O termo «prossumidor» é muito amplo e as definições sobrepõem-se frequentemente. No sentido mais estrito, são prossumidores os indivíduos, as instituições ou as pequenas empresas que, simultaneamente, produzem e consomem energia. No entanto, alargamos o significado do termo por forma a abranger todos os que contribuam activamente para o sistema energético, por exemplo, ajudando

a estabilizar a rede com as suas baterias. Os prossumidores podem agir individualmente ou como um colectivo, por exemplo numa cooperativa de energia.

O nosso recente relatório da AEA «*Energy Prosumers in Europe — Citizen participation in the energy transition*» [Os prossumidores de energia na Europa — Participação dos cidadãos na transição energética] aborda esta prática emergente.

**Quais são os principais benefícios do conceito de prossumidor em comparação**

**com as grandes centrais de energias renováveis? Quais são os inconvenientes?**

Há muitos *benefícios* por onde escolher, mas destacarei apenas três. Em primeiro lugar, os prossumidores estão geralmente menos expostos aos elevados preços da energia, uma vez que produzem muitas vezes parte da energia que consomem. Em segundo lugar, muitas das instalações dos prossumidores são colocadas em telhados, evitando a necessidade de terrenos suplementares. Em terceiro lugar, estes projectos são geralmente financiados pelas próprias famílias, pelo que



constituem uma boa forma de mobilizar poupanças privadas para a transição energética.

Mas também existem *inconvenientes* significativos. Um dos principais inconvenientes é o facto de os projectos dos prossumidores serem frequentemente menos eficientes em termos de custos do que os projectos de grande dimensão, simplesmente devido a economias de escala. O elevado custo inicial de alguns modelos de prossumidores também é alvo de críticas, uma vez que não está ao alcance de todos.

Em última análise, creio que o *futuro sistema energético* será mais descentralizado, com uma combinação de centrais de grande e pequena dimensão ligadas através de uma rede inteligente e flexível.

## Qual o efeito que os cidadãos prossumidores podem ter na redução dos impactos negativos da actual crise energética, em especial as facturas de energia?

O potencial é enorme. Uma família pode, por vezes, cobrir todas as suas necessidades de electricidade através da auto-produção, especialmente em combinação com baterias e uma bomba de calor. Os projectos de pequena dimensão podem, em geral, ser executados com relativa rapidez para responder a períodos de preços elevados da energia.

De facto, assistimos a uma enorme procura de painéis solares para telhados nos últimos meses. No entanto, existem alguns factores que limitam a rapidez com que os projectos dos prossumidores podem ser executados. Por exemplo, existem actualmente problemas de abastecimento em matéria de painéis solares e seus componentes. O processo de licenciamento pode também originar atrasos, bem como a escassez de competências. E, claro, nem toda a gente tem um telhado disponível para instalar os painéis.

## Os painéis solares são a única possibilidade? Ou há também outras tecnologias?

Os telhados solares são a tecnologia de eleição. Mas alguns prossumidores colectivos também investem noutras



tecnologias, tais como a energia eólica, a energia hidroeléctrica de pequena dimensão ou o aquecimento urbano.

## Quais são as políticas da UE que ajudam a promover o conceito de prossumidor?

A Directiva Energias Renováveis reformulada e a Directiva Mercado Interno da Electricidade definem vários tipos de prossumidores e estabelecem direitos e obrigações pormenorizados para cada um. No entanto, o maior impulso aos prossumidores chegou em Maio último, com o *plano REPowerEU* e a Iniciativa Europeia para a Produção de Energia Solar nas Coberturas de Edifícios. Esta proposta inclui a obrigação legal de instalar painéis solares nos novos edifícios e incentiva os países a reduzir a burocracia, a proporcionar incentivos e a aconselhar os cidadãos sobre a forma de se tornarem prossumidores. Trata-se de um verdadeiro factor de mudança.

## É fácil um consumidor de energia tornar-se num prossumidor?

Depende muito do modelo de prossumidor e existem vários. Por exemplo, uma pessoa que pretenda instalar painéis solares no telhado pode esperar um investimento inicial substancial, juntamente com algum planeamento, requisitos de licenciamento e, por vezes, uma lista de espera de profissionais qualificados.

Pelo contrário, aderir a uma grande cooperativa de energia pode ser quase tão fácil como mudar de for-

necedor de energia. Tudo varia, mas a redução destes obstáculos iniciais é fundamental para uma adopção mais rápida para o conceito de prossumidor.

## Quais são os principais desafios e obstáculos com que se deparam os prossumidores e o que podem fazer os governos?

É fundamental dispor de um quadro político claro, estável e bem estruturado. Em alguns países, o prossumidor não está devidamente incorporado nas disposições legislativas e regulamentares nacionais, o que gera incerteza para os potenciais prossumidores. O acesso ao financiamento e a falta de informação constituem também frequentemente obstáculos. As autoridades nacionais ou regionais podem criar balcões únicos onde os cidadãos possam ter acesso a informações sobre aspectos técnicos e regulamentares, bem como sobre o apoio financeiro disponível. Os governos devem igualmente dar resposta à escassez de competências e adaptar a formação profissional às necessidades do mercado.

## Que outros trabalhos planeia a AEA neste domínio?

Estamos actualmente a finalizar um briefing da AEA sobre os *prossumidores e as cidades*, que publicaremos online nos próximos meses. Este apresenta uma análise dos factores específicos que afectam os prossumidores nas zonas urbanas e do modo como os municípios podem apoiá-los. ●

## SINES TERÁ CONDIÇÕES PARA PRODUZIR “2 GIGAWATTS” DE ENERGIA RENOVÁVEL



O secretário de Estado do Mar, José Maria Costa, afirmou recentemente que Sines tem condições para vir a produzir “cerca de dois Gigawatts (GW)” de energias renováveis oceânicas, contribuindo para a transição energética em curso.

O secretário de Estado do Mar falava aos jornalistas à margem da 5.ª edição da Feira do Mar, evento organizado pelo Sines Tecnopolo e pela Câmara Municipal de Sines sobre empreendedorismo, turismo, portos e logística, formação e inovação.

“Sines poderá almejar vir a ter nos próximos tempos cerca de dois GW de energias renováveis oceânicas que é também um fator muito importante de desenvolvimento daquilo que são as alterações climáticas e da transição que estamos a fazer em termos energéticos”, disse.

Questionado sobre possíveis investimentos, na área das energias renováveis oceânicas, neste território, José Maria Costa, explicou que se trata de

“projetos ligados a parques eólicos ‘offshore’ que poderão ter, inclusivamente, a produção de hidrogénio verde”.

De acordo com o governante, o grupo de trabalho interministerial, que envolve as secretarias de Estado do Mar, do Ambiente e da Energia e das Infraestruturas, “já começou a funcionar”, com o objectivo de “dimensionar o potencial eólico disponível” na nossa costa.

“Estamos a falar de 10 GW a nível nacional, [sendo que] o potencial existente no mar de Sines é de dois gigawatts”, precisou.

O trabalho do grupo engloba também a adaptação das “infraestruturas portuárias” aos “novos desafios”, assim como a “renovação e qualifica-

ção das infraestruturas eléctricas de transporte”.

“E tudo aquilo que vai ser uma fileira industrial que se vai constituir em torno da construção destas infraestruturas e do potencial tecnológico e da transferência de conhecimento que estão associados”, acrescentou.

O governante referiu ainda que, em Sines, “há uma forte visão estratégica de todos os actores e um forte alinhamento com aquilo que são os desígnios nacionais” que permitirão “transformar o Alentejo” e “criar condições” para “ter mais emprego, mais qualificação e qualidade de vida”.

O Governo assumiu a ambição de atingir uma capacidade instalada de eólico ‘offshore’ de 10 GW em 2030, que será atribuída através de leilões. ●



## A BAYWA R.E. PRETENDE SER A PRIMEIRA NO MUNDO A DESENVOLVER UM PROJETO COMERCIAL NÃO SUBSIDIADO DE ENERGIA EÓLICA FLUTUANTE



**A**pós passar a fase de debates iniciais e as etapas de consulta junto do governo português e todos os intervenientes locais, a BayWa r.e. está a entrar na fase decisiva do processo de autorização oficial para o primeiro projecto flutuante à escala comercial em Portugal, que será o primeiro projecto eólico flutuante não subsidiado do mundo.

A empresa candidatou-se oficialmente para garantir os direitos de utilização exclusiva do espaço marítimo, de forma a desenvolver um parque eólico flutuante com 30 turbinas e até 600 MW no total, numa zona especificamente designada para o efeito ao largo de Viana do Castelo.

O projecto é compatível com os concursos de energia eólica marítima anunciados recentemente a serem realizados no futuro e pode servir como modelo para os projectos em licitação. A BayWa r.e. pretende apoiar a criação de uma cadeia de fornecimento global de energia eólica marítima flutuante em Portugal, utilizando a infraestrutura local existente que os

projectos a concurso poderão utilizar. Além disso, o projecto será realizado sem quaisquer subsídios públicos, com um acordo de compra de energia (PPA).

Adicionalmente, o projecto vai ajudar significativamente Portugal a acelerar os seus objectivos climáticos e alcançar a neutralidade carbónica nas próximas décadas. Em particular, Portugal pretende aumentar a percentagem de energia renovável na produção de electricidade para 80% em 2026.

Ricardo Rocha, Director Técnico de Energia eólica marítima na BayWa r.e. afirmou: «O nosso projecto será um verdadeiro marco para a indústria eólica marinha portuguesa. Temos trabalhado bastante com os nossos parceiros industriais e todos os intervenientes locais durante o processo de desenvolvimento. Agora, está na altura de levar o projecto ao nível seguinte. Esperamos continuar a colaborar com o governo e as autoridades portuguesas, de forma a que este não seja apenas um projecto feito em Portugal, mas também e especialmente para Portugal.»

«O nosso projecto está bem alinhado com os objectivos ambiciosos de Portugal para o sector eólico marinho. A zona onde o nosso Parque eólico flutuante vai ser construído faz parte de um plano espacial marítimo do governo português, pelo que já tem uma zona dedicada. Na BayWa r.e., estamos entusiasmados não só em fazer avançar a transição energética com este projecto, mas também em trazer benefícios socioeconómicos à comunidade de Viana do Castelo, como a criação de novos empregos e infraestruturas locais para a comunidade de Viana do Castelo», comentou Lorenzo Palombi, director global de projectos eólicos na BayWa r.e. A BayWa r.e. já foi bem-sucedida em projectos semelhantes. Estes incluem os direitos de desenvolvimento do projecto costeiro da Buchan de 960 MW ao largo da costa nordeste da Escócia. Além disso, a BayWa r.e. também se pré-qualificou para dois concursos de energia eólica marítima flutuante em França, incluindo um projecto de 250 MW no sul da Bretanha, bem como outros dois projectos com capacidade total de 500 MW no mar Mediterrâneo. ●

# ESTÁ ENCERRADO MAIS UM WEB SUMMIT PARA O ANO HÁ MAIS E (COM PROMESSA DE) MELHOR



**“Estamos a fechar o Web Summit e já estamos a planear a próxima edição, que será maior e melhor (se possível)” disse Paddy Cosgrave na sessão de encerramento do Web Summit 2022, tendo de seguida apresentado o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. “Não podíamos fechar o Web Summit sem ele”, afirmou.**

Lisboa sempre bela, voltou a ser uma cidade acolhedora para os mais de 71 mil participantes no Web Summit 2022, um número recorde, e mais alguns milhares que se dispersaram pela cidade em muitas iniciativas paralelas, reuniões e festas que se multiplicam por estes dias.

O ambiente diverso, entusiasta e de muito networking continua a ser um dos marcos da cimeira de tecnologia que estende muito para além da tecnologia e do empreendedorismo os tópicos de debate, e até a meteorologia colaborou com sol e pouca chuva para a festa.

Este ano Paddy Cosgrave já tinha avisado que o espaço ocupado tinha sido usado de forma mais criativa, para conseguir “arrumar” as 2.630 startups e empresas expositoras, 1.120 investidores, além de 1.040 oradores que participam em talks em quase duas dezenas de palcos.

Havia muito mais espaço ao ar livre e apesar da chuva no dia 3 de Novembro a maioria dos dias tiveram sol e calor, contribuindo para a ideia de que Portugal é a Califórnia da Europa.

“Estamos esticados ao limite” admitiu o CEO e co-fundador do Web Summit que revela preocupações com o futuro. Mas durante os 4 dias da conferência não há tempo para pensar nas próximas edições, mesmo que a ideia seja ficar em Lisboa para além de 2028. É preciso mobilizar uma máquina que continua a funcionar de forma perfeita, com milhares de voluntários, uma aplicação que ajuda a manter a agenda em ordem e a ligar participantes, e uma conectividade assegurada pela Altice Portugal.

A primeira-dama da Ucrânia foi uma das oradoras surpresa na abertura, mas

houve muitos outros pontos de interesse, de Tony Fadell a Sir Tim Berners Lee, Changpeng Zhao da Binance, Mitchell Baker e Eva Longoria, que falaram sobre as suas empresas e projectos, as vitórias e os erros, e deixaram mensagens inspiradoras.

Por outro lado, todos os anos existem novas tendências que parecem funcionar como tema generalizado. E fica a sensação que todas as sessões acabam no mesmo. Em anos anteriores tivemos as questões da mobilidade autónoma e smart cities, depois a cibersegurança/privacidade. Mas este ano, claramente, o tema era o metaverso. E quando não era metaverso era a Web3 ou cripto.

Se no ano passado, a questão dos whistleblowers foi um dos “tópicos quentes” do Web Summit, com Frances Haugen, este ano o Web Summit apostou em grande no metaverso, criptomonedas e na Web3.

Para lá das sessões mais “efusivas”, com defensores mais (ou menos) acérrimos das promessas da indústria cripto ou da web3, houve também espaço para uma tentativa de equilíbrio, com visões opostas, na esperança de que os participantes tirassem as suas próprias conclusões acerca destas temáticas.

Vale tudo para se destacar entre a multidão - chamar a atenção num autêntico “mar” de startups não é uma tarefa fácil, nem mesmo para as empresas expositoras, várias delas já bem estabelecidas. Este ano, a competição parece ter sido ainda mais “renhida” e foram várias as estratégias usadas para captar a atenção do público, entre stands “gigantes”, jogos e desafios com direito a prémios, e muitos brindes à mistura.

Da fábrica de unicórnios à “gémea digital” da ilha da Madeira, as empresas portuguesas também reuniram esforços para se destacarem no Web Summit e não foram as únicas, aliás, percorrer os múltiplos espaços de exposição era como dar uma volta ao mundo em cinco pavilhões.

Também para os participantes o desafio era grande, mas as aplicações e a informalidade de alguns espaços são sempre uma ajuda, com algumas provas de vinho à mistura.

Balço do Web Summit

Durante quatro dias, o Web Summit voltou a encher os pavilhões da FIL e o Altice Arena com tecnologia e não só. O Web Summit voltou ao Parque das Nações para mais uma mostra tecnológica - e muito mais. Entre o dia 1 e 4 de Novembro, mais de 71.000 pessoas, oriundas de 160 países, participaram naquela que é maior cimeira de tecnologia do mundo.

O evento bateu também recordes no número de startups e perto de 2.300 pequenas empresas apresentaram as suas ideias nos cinco pavilhões da FIL. Pelos vários palcos passaram mais de mil oradores, dos quais 34% eram mulheres. Também cerca de mil investidores se juntaram ao Web Summit para conhecer - e apoiar - as novas ideias.

Pelo palco principal passaram também vários nomes conhecidos, com destaque para Olena Zelenska, primeira-dama da Ucrânia, que participou na abertura do evento. Marcelo Rebelo de Sousa fechou o evento, não faltando espaço para o tradicional “puxão” a Paddy Cosgrave. ●



## CIENTISTAS DE COIMBRA CRIARAM MATERIAL SUPERISOLANTE COM PNEUS USADOS

Uma equipa de investigadores da Universidade de Coimbra (UC) criou um aerogel com matriz homogénea de sílica e borracha, resultando um novo material superisolante ecológico e mais económico, revelou aquela instituição de ensino superior.

Considerando que, na Europa, são produzidos “cerca de 355 milhões de pneus por ano” e que os aerogéis são “ótimos isolantes térmicos, mas são dispendiosos”, os cientistas procuraram desenvolver um aerogel incorporando borracha de pneus usados, informou a UC, em comunicado.

O estudo foi desenvolvido ao longo dos últimos quatro anos e passou por várias etapas.

Liderado por Paulo Santos, investigador do Institute for Sustainability and Innovation in Structural Engineering (ISISE) e professor do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), o estudo decorreu no âmbito do projecto “Tyre4buildIns”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A tecnologia desenvolvida no âmbito do projecto foi submetida a processos de patenteamento nacional e internacional.

“No início, foi extremamente difícil introduzir a borracha, reduzida a grânulos de um milímetro, dentro do aerogel, mas, após vários estudos complexos, encontrámos uma solução de desintegração química da borracha ou desvulcanização, com recurso a um ácido que torna a borracha líquida”, relatou a coordenadora da equipa de investigadores do Departamento de Engenharia Química da FCTUC, Luísa Durães.

“Assim, conseguimos abrir uma nova porta de processamento do aerogel, porque o aerogel é produzido primeiramente em fase líquida”, explicou.

Após este obstáculo, o passo seguinte passou por encontrar a fórmula para a



mistura de líquidos.

“Era necessário encontrar os solventes mais compatíveis para os sistemas da sílica e da borracha. A partir daí, foi mais fácil conseguir um material inovador e altamente eficaz”, afirmou a investigadora, frisando que o novo material com borracha de pneus usados é muito vantajoso, pois “além de ter um preço praticamente nulo, porque é um desperdício, a borracha é hidrofóbica, isto é, repele a água, o que é benéfico na secagem dos aerogéis”. Por outro lado, tem características de grande estabilidade térmica e química. Segundo a investigadora, o desafio, nesta fase, foi perceber se, “ao misturar com a borracha, as propriedades do aerogel se mantinham as mesmas, o que aconteceu”.

Após estar desenvolvido o aerogel a partir de borracha reciclada e depois de testes, foi possível observar que o produto tinha um elevado desempenho de superisolante térmico.

“Conseguimos ter um produto ‘premium’ em termos de isolamento térmico e, em simultâneo, estamos a contribuir com uma nova aplicação para reduzir os resíduos dos pneus, porque as aplicações actuais estão a

esgotar em relação à quantidade de borracha que é produzida”, frisou, Luísa Durães.

O novo produto foi comparado com isolantes no mercado, tendo sido comprovado que o aerogel, já por si um óptimo isolante, torna-se ainda melhor com a introdução da borracha. “O aerogel com borracha foi o que obteve melhor desempenho, conseguindo até 77% de redução de transferência de calor no protótipo de parede testado”, salientou.

Foi feito um teste de envelhecimento com humidade e temperatura, tendo ficado demonstrado que este isolante, comparado com os materiais comerciais testados, era o que mantinha todas as propriedades ao longo dos ciclos de envelhecimento.

A UC deu ainda nota de que os cientistas desenvolveram um estudo exploratório, aplicando o aerogel na absorção de poluentes, com o intuito de alargar o leque de aplicações do novo produto. Graças à sua capacidade de absorção, o novo aerogel pode ser aplicado em limpeza de águas residuais com diversos poluentes, como óleos e solventes orgânicos. ●

## O “WORLD TRAVELLER” FEZ A SUA VIAGEM INAUGURAL LISBOA/CASABLANCA/LISBOA E AGORA ESTÁ NA ANTÁRTIDA



**Antes de se fazer ao mar, para a sua viagem inaugural, o navio de cruzeiros World Traveller esteve aberto ao público para visitas no dia 8 de Outubro, no Porto de Leixões, em Matosinhos.**

Este luxuoso paquete que foi totalmente construído em Portugal, fez a sua viagem inaugural partindo de Lisboa, visitou Casablanca e regressou a Lisboa entre as datas de 14 e 17 de Outubro.

Depois seguiu para a América do Sul onde começou por fazer um cruzeiro entre Rio de Janeiro e Montevidéu, seguindo para Buenos Aires onde iniciou novo cruzeiro de 17 dias até ao Porto de Ushuaia também na Argentina passando por vários pontos turísticos naquela zona gelada.

Na sua construção, o World Traveller, contou com mais de 80 empresas portuguesas e representou um investimento de mais de 90 milhões de euros do grupo Mystic Invest, do qual fazem parte as marcas Atlas Ocean Voyages e Mystic Cruises, cujo CEO é o empresário português Mário Ferreira.

O World Traveller destaca-se pelo desempenho ao nível da sustentabilidade, uma vez que dispõe de tecnolo-

gia de gestão de energia híbrida, ou seja, capaz de maximizar a eficiência do combustível, de forma a consumir apenas um quinto do combustível, em comparação com os sistemas convencionais de navios de cruzeiro. O seu sistema alternativo de propulsão a jacto de água ajuda o navio a cruzar silenciosamente até cinco nós, sem perturbar a vida selvagem marinha, o que tem a vantagem suplementar de proporcionar encontros incomparáveis com a fauna oceânica.

Com 126 metros de comprimento, 19 metros de largura, 4,7 metros de calado, 9 300 toneladas de arqueação bruta, oito decks, e 98 cabines, o World Traveller tem capacidade máxima para 200 passageiros e 130 tripulantes.

Para assinalar a viagem inaugural, com partida do Porto de Lisboa, o Comandante do World Traveller recebeu a habitual placa comemorativa da ocasião. O World Traveller é o quarto navio de cruzeiros construído em Portugal,

nos estaleiros West Sea em Viana do Castelo, e inscrito no Registo Internacional de Navios da Madeira (MAR), depois dos navios World Explorer, World Voyager e World Navigator que começaram a operar em 2019, 2020, e 2021 respectivamente, e que pertencem à frota do armador Mystic Cruises.

O World Traveller é o segundo de cinco navios gémeos da Classe Explorer do operador Atlas Ocean Voyages que já se encontram a operar, o primeiro foi World Navigator lançado em 2021, estando previstos os lançamentos do World Seeker e do World Adventurer em 2023 e o World Discover em 2024. Segundo o armador “*Existem muito pouco navios oceânicos no mundo com esta qualidade de interiores, este luxo e conforto*”, além de ter a capacidade de navegar em águas com gelo uma vez que a sua proa está preparada para quebrar gelo até um metro de altura. ●

## A UNIVERSIDADE DE COIMBRA E A DOCAPESCA PROJETAM PORTO AUTO-SUSTENTÁVEL EM LAGOS



**Um projecto-piloto de um porto de pesca auto-sustentável, que permita a reutilização de produtos ou o aproveitamento de resíduos, está a ser desenvolvido em Lagos, no Algarve, promovido pela Universidade de Coimbra (UC) em colaboração com a Docapesca.**

Integrado no programa de economia azul UCMar e desenvolvido pelo laboratório Marefoz da UC, o "GREENFISHINGPORT: Projecto-piloto de Porto de Pesca Auto-sustentável" visa desenvolver um modelo experimental de gestão ambiental para o porto de pesca de Lagos e consiste em quatro actividades prioritárias, desde logo, como ponto de partida, a realização de um diagnóstico da eficiência energética e sustentabilidade ambiental daquela infraestrutura.

O projecto, de acordo com informação a que a agência Lusa teve acesso, inclui ainda um plano de acção para a sustentabilidade do porto de pesca de Lagos, o desenvolvimento de novos produtos a partir dos resíduos e efluentes e a definição do modelo de gestão ambiental, aqui com a participação da entidade gestora dos portos de pesca e lotas nacionais, comunidade piscatória, empresas e comunidade científica. "Pretendemos desenvolver um modelo de gestão de portos de pesca que promova a sustentabilidade ambiental, mas também a sustentabilidade económica do porto", disse Tiago Verde-

lhos, coordenador do projecto e investigador do laboratório Marefoz.

Depois do diagnóstico inicial, os investigadores desenvolvem um relatório com medidas "que promovam a sustentabilidade" e que, de acordo com Tiago Verdelhos, podem passar pela redução de consumo energético, aproveitamento de produtos que podem ser reutilizados – por exemplo, "a água que é aproveitada para um determinado fim, pode ser reaproveitada para outro" – e a valorização dos resíduos produzidos.

"No decorrer de actividade de um porto de pesca há sempre resíduos de vária ordem, há resíduos plásticos, biológicos, há resíduos de vários tipos. Podemos apresentar ideias que possam servir para valorizar esses resíduos", enfatizou o investigador da Universidade de Coimbra.

Uma das ideias, continuou, ainda em estudo e avaliação, passa por poder usar alguns dos resíduos biológicos para produção de farinhas de peixe: "Mas é completamente inviável pensar em viabilizar os resíduos de um porto em particular, se é pouca quantidade

não compensa ir lá buscá-lo, nenhuma empresa vai buscar num único porto", observou Tiago Verdelhos.

"Mas a nível da região ou do país já pode ter interesse, é este tipo de medidas que temos de avaliar e poderemos sugerir. Neste caso, terá de ser criado um circuito [por vários portos], às vezes não é a questão do material em si, é como se organiza e como se gere", argumentou o investigador.

O trabalho em curso dos investigadores da UC contempla uma parceria com a Docapesca, presente no apoio aos cientistas "desde a fase de candidatura" do GREENFISHINGPORT.

"Permite-nos fazer toda a avaliação da actividade daquele porto de pesca, ter acesso a um conjunto de dados necessários aos estudos e é à Docapesca a quem vamos, depois e em primeira mão, apresentar as medidas", afirmou.

"O grande objectivo é que testem estas medidas inicialmente no porto de pesca de Lagos e que, depois, no decorrer dessa implementação, as que forem exequíveis e validadas, possam vir a ser implementadas noutros portos de pesca do país", notou Tiago Verdelhos.

O investigador da UC lembrou, no entanto, que no que concerne à sustentabilidade ambiental, a Docapesca "já tem algumas medidas implementadas, como a utilização da iluminação 'led'", disse.

Outras medidas terão de ser avaliadas em cada local, porque há casos particulares: "Chegamos a determinado porto e têm produção de gelo. Outro já não tem e compram o gelo noutra empresa ou o equipamento de produção é mais moderno num sítio, mais eficaz e gasta menos. Este tipo de pormenores pode variar, mas há coisas que são transversais", frisou Tiago Verdelhos.

O projecto GREENFISHINGPORT tem ainda como parceiro a Agência de Desenvolvimento do Barlavento algarvio e é cofinanciado por fundos europeus do MAR2020. ●

## A PARTIR DO PASSADO DIA 2 A QUOTA DIÁRIA DA PESCA DO BIQUEIRÃO SUBIU PARA ATÉ UM MÁXIMO DE 2.925 KG



Corpo esguio, estreito de secção transversal oval; sem carena ventral de escudetes; focinho cónico proeminente, pontiagudo ultrapassando a maxila inferior; boca ínfera; maxila superior longa, prolongando-se bem atrás do olho; região dorsal azulada ou esverdeada, flancos e abdómen prateados.

O biqueirão é um pequeno peixe pelágico de vida curta (3 anos de longevidade). O seu crescimento é rápido e a mortalidade natural elevada. Os sexos são individualizados e distinguíveis pela observação dos órgãos reprodutores internos (ovário/testículos).

**A pesca do biqueirão passou a ter menos restrições a partir de 2/11. Esta foi a resposta da DGRM aos pedidos dos produtores, aumentando as quantidades diárias de captura a um máximo de 130 cabazes (2.925 kg).**

Segundo se pode ler num despacho da DGRM "Desde o início da safra e, ao longo destes três meses e meio, as capturas diárias foram bastante irregulares e, nesta data, a quota disponível é aparentemente suficiente para, em resposta ao pedido das Organizações de Produtores, estabelecer nova repartição em função dos tamanhos das embarcações, criando três segmentos, e aumentar as quantidades diárias de captura para um máximo de 130 cabazes às embarcações de maior dimensão, 50% para as embarcações até nove metros de comprimento, e 60% para as embarcações da classe intermédia"

Segundo esta Direcção Geral a pesca do biqueirão é autorizada entre as 00:00 de segunda-feira e as 24h00 de sexta-feira.

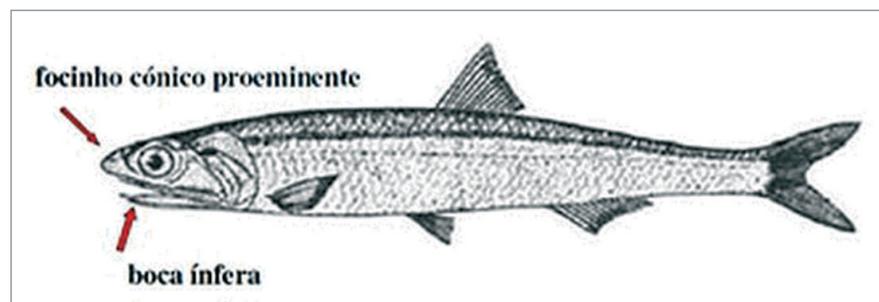
Contudo, é proibida a captura, manutenção, descarga e venda nos feria-

dos, bem como a descarga fora dos períodos de funcionamento da lota do porto de descarga.

É igualmente proibida a descarga para uma lota diferente ao porto de descarga e as embarcações estão também impedidas de descarregar em mais do que um porto durante cada dia.

No que se refere às quantidades, foi decidido um máximo de 2.925 quilogramas (Kg), correspondente a 130 cabazes, em embarcações com cumprimento, de fora a fora, superior a 16 metros.

Por sua vez, para as embarcações com comprimento inferior ou igual a 16 metros e superior a nove metros, o limite diário é de 78 cabazes, ou seja, 1.755 kg. Já para as embarcações com comprimento igual ou inferior a nove metros, o limite é de 1.463 kg ou 65 cabazes. A DGRM é um serviço central da administração directa do Estado, com autonomia administrativa, que tem por objectivo o desenvolvimento da segurança e serviços marítimos, a execução das políticas de pesca e a preservação dos recursos. ●



## O CURSO DE 1972 DA ESCOLA NÁUTICA COMEMOROU O SEU CINQUENTENÁRIO



No passado dia 22 de Outubro, durante todo o dia, os ex-alunos da Escola Náutica, que terminaram o seu Curso em 1972, reuniram-se num encontro comemorativo do seu cinquentenário, do qual a foto de grupo acima pretende ser testemunho.

Nos idos anos do início da década de setenta, estes garbosos jovens idosos terminavam a aprendizagem que lhes permitia iniciar uma carreira profissional na marinha mercante e despediam-se da antiga Escola Náutica localizada na Rua do Arsenal em Lisboa, uma vez que a mesma se transferia para Paço de Arcos, para as instalações onde ainda hoje se mantém e nas quais foi realizado este encontro.

Estes ex-alunos percorreram um longo caminho profissional de 50 anos, acompanhados sempre pela sua Escola Náutica (ENIDH) nas novas instalações que também perfazem 50 de existência e onde grande parte voltou para novos períodos de aprendizagem, quer fosse o Curso Complementar e/ou o CESE ou o Mestrado.

Este foi o último Curso a contar com as 4 especialidades: comissariado, máqui-

nas, pilotagem e radiotelegrafia. Em 1973 já não houve o Curso de Comissariado, tendo uma parte dos existentes feito uma reciclagem para o Curso de Pilotagem.

Nesta fornada formativa saíram da Escola Náutica 115 jovens profissionais para a nossa então razoável, em dimensão, marinha mercante: onze eram Comissários, sessenta e seis eram Maquinistas, trinta e quatro eram Pilotos e quatro eram Radiotelegrafistas.

Por esta altura vivia-se o ocaso dos navios de passageiros com viagens regulares, como eram os casos do Santa Maria, Vera Cruz e Infante D. Henrique, Império, Uíge da Companhia Colonial de Navegação e Príncipe Perfeito, Timor, Ana Mafalda, Niassa e Rita Maria da Companhia Nacional de Navegação.

Na marinha de comércio começavam os navios de passageiros (paquetes) a

ser substituídos pelos aviões intercontinentais e na marinha de pesca, na frota branca do bacalhau, iam sendo substituídos os navios à vela com os famosos dóris pelos arrastões de popa. Foi, portanto, uma época de grandes mudanças em que os principais afetados, no que diz respeito aos Oficiais, foram os Comissários, que assim viam escassear e mesmo terminar os seus postos de trabalho, vendo-se forçados a sair do mar ou a reciclar fazendo formação complementar para pilotagem. Dos 115 mancebos então formados e dados à profissão restam 95 uma vez que 20 já se finaram: 6 Comissários, 3 Maquinistas, 9 Pilotos e 2 Telegrafistas. Um deles, refiro-o aqui porque "morreu na praia" como se costuma dizer, o Fernando Manuel da Silva Vergas era um grande entusiasta do Encontro dos 50 anos de curso e acabou por falecer dias antes da sua realização. ●

Em sua honra e dos outros 19, foi feito, por todos os presentes na festa, um silêncio de 72 segundos, respeitado com emoção, mas com os olhos na vida que aos vivos resta.

O Encontro Comemorativo do Cinquentenário começou a ser preparado, ainda no primeiro semestre de 2021, por uma Comissão Organizadora do Encontro (COE) composta por seis dedicados e profícuos membros do Curso de 1972, foram eles: António Felício, Carlos Coutinho, João Emílio, Jorge Ribeiro, Nicolau Veríssimo e Rogério Pinto.

Foram feitas muitas reuniões, tidas muitas discussões, imensas divergências foram sendo desfeitas e consensos foram sendo obtidos: desde o local da realização do evento, à data para que o mesmo se realizasse até ao nível de aprimoramento que devíamos lutar por alcançar, tudo fez parte do trabalho que foi necessário realizar.

Venceu a ideia de que deveriam ser criadas condições, para que o maior número possível de membros do curso participasse na grande festa. Que os mesmos fossem recebidos e tratados com o requinte que todos mereciam e que do encontro levassem os avivadores de memória necessários para jamais esquecerem o cinquentenário do seu curso.

Determinada a isso, a COE tinha a noção de que isso ia sair muito caro, o que não se conjugava com a proposição de trazer a grande maioria a participar, se tivessem de despendar as quantias assim previstas. Daí que a COE decidisse recorrer ao patrocínio da autarquia de Oeiras e a empresas detidas por membros do curso, por um lado a EFCIS, SA e por outro OZEC-Equipamentos Industriais, Lda., sendo assim possível realizar o que alguns julgariam impossível.

Assim, o encontro pôde contar com um almoço que a maioria considerou de alto nível e um ambiente fantástico. Foi entregue a cada um dos presentes uma medalha e um prato comemorativos do evento, uma "pen" com os vários vídeos criados, bem como um Quadro de Honra – nome que foi dado a um trabalho gráfico-digital - com as



O Presidente da ENIDH recebendo os participantes na sala dos professores



Descerramento da placa comemorativa



Aspecto geral da sala do almoço



Jorge Mendes na sua actuação



João Emílio gerindo a videoconferência do Zé Mesquita

fotos de cada um, tiradas em 1972, cada uma acompanhada da foto actual respectiva. Aqui um destaque especial para o membro da COE, João Emílio, que foi o autor de todos estes elementos foto digitais.

O Encontro iniciou com uma recepção de boas-vindas do Presidente da Escola Superior Náutica Infante D. Henrique (ENIDH), Professor Doutor Vítor Franco aos participantes, que recebeu a oferta do nosso quadro de honra devidamente emoldurado para afixar na Escola onde lhe parecer mais adequado.

Seguiu-se uma visita guiada aos novos simuladores da Escola, que são o último grito, do que existe para a formação marítima através deste meio de ensino. Quem ainda se lembrava dos anteriores simuladores existentes na Escola mais não podia que ficar surpreendido e ao mesmo tempo satisfeito com a qualidade dos actuais simuladores, que são a prova da sua evolução do seu dinamismo e da vontade férrea de acompanhar o que demais inovador se apresenta em direcção ao futuro.

De seguida foi realizada uma pequena cerimónia de descerramento de uma placa alusiva ao evento que ficou afixada numa das colunas do Hall de entrada da ENIDH, durante a qual foi servido à bandeja um cocktail de boas-vindas a todos os participantes. Dizemos pequena cerimónia, mas consideramo-la de grande importância uma vez que a placa vai para além de nós, guardando nela aquilo que foi este nosso encontro, esta nossa comemoração.

Seguiu-se o almoço servido à mesa pela empresa/restaurante Páteo Velho: sopa de peixe da nossa costa; lascas de bacalhau da Islândia com broa e crocante presunto em cama de esmagada de brócolos e batata assada; tornedó de lombo de novilho com molho à portuguesa, batata gratinada e esparregado, tudo acompanhado por vinhos branco e tinto "pancas" da Quinta de Pancas, terminando com uma sobremesa de carpaccio de abacaxi com encharcada de ovos e gelado de limão.

O almoço decorreu muito bem, sempre animado pelo sururu próprio das conversas, mais ou menos animadas, para pôr em dia as novidades da vida de cada



Oferta do Quadro de Honra à ENIDH



Quadro de Honra oferecido à ENIDH



Jorge Ribeiro agradecendo aos patrocinadores

um e assim amenizar a falta de dados provocada pelo afastamento de anos. Passou-se então a uma fase aguardada por muitos. O momento musical proporcionado pelo colega EN72 Jorge Mendes. Para os leitores que não saibam informamos que o Jorge Mendes foi o grande vencedor do Festival RTP da Canção de 1987, tendo-nos representado no Eurofestival da Canção do mesmo ano realizado em Bruxelas, interpretando a canção "Neste barco à vela" sendo voz de um duo designado por Nevada composto por ele e por Alfredo Azinheira. Dizia a letra: *no meu país há um rio - que corre sem parar - no meu país, o navio - nem sempre se faz ao mar e continua a ser assim.*

Como é seu hábito, o Jorge serviu-nos um conjunto de bons fados acompanhados de boas canções, dando-nos o prazer de passar um bom bocado da tarde envolvidos em boa música, de realçar Teresa Torga de Zeca Afonso que o Jorge adora cantar e todos gostamos de ouvir.

Durante o período musical tivemos oportunidade de falar por video conferência com outro distinto colega de curso, o Zé Mesquita, impossibilitado de estar presente uma vez que se encontrava no mar atarefado no regresso da frota da recém realizada odisseia da Expedição Lusitânia, que na sua etapa de ida cumpriu uma homenagem aos aeronavegadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, comemorando o centenário da sua fantástica aventura ao sobrevoaram o Oceano Atlântico Sul na primeira travessia aérea entre Portugal e o Brasil em 1922. Esta extraordinária aventura de uma pequena frota de oito pequenos veleiros fez o mesmo caminho e as mesmas escalas que fizeram os aviadores cem anos antes. A ida contou com as dificuldades próprias e dos percalços que sempre surgem, mas tudo aponta que será bem mais difícil a volta. De facto, o regresso será feito pelo Atlântico Norte que como sabemos não é "pêra doce" para os navios quanto mais para pequenas embarcações à vela. Esperamos que tudo corra bem, desejando ao Zé Mesquita e a todos os participantes "bom tempo, mar e horizonte". ●